

REDE DE EXPERIÊNCIAS INOVADORAS: AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

JEAN MAC COLE TAVARES SANTOS

Doutor em Educação. Professor do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ). Orientando de Pós-Doutorado da Profa. Dra. Alice Casimiro (UERJ).

E-mail: maccolle@hotmail.com

FRANCISCA NATÁLIA DA SILVA

Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia.

E-mail: natalia_silva_18@hotmail.com

WILLIANY TAVARES DOS SANTOS

Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia.

E-mail: willianytares12@hotmail.com

Introdução

Na sociedade atual as tecnologias estão presentes em praticamente todas as ações humanas, agindo ativamente nas esferas econômica, social e educacional. Segundo José Manuel Moran (1995) isso ocorre devido ao avanço do capitalismo, que busca fortalecer o modo de vida predominante nas regiões urbanas. “Mas, na essência, não são as tecnologias que mudam a sociedade, mas a sua utilização dentro do modo de produção capitalista” (MORAN, 1995, p.1).

Para Vani Kenski (2007) o termo tecnologia é o planejamento, a construção e a utilização de todo instrumento criado pelo homem ao longo da história. Sendo assim, a roupa, a cama e o prato são exemplos de tecnologias que cotidianamente estão presentes em nossas vidas. Podemos perceber as tecnologias ao andarmos, falarmos, comermos e até dormirmos. Deste modo, as tecnologias intervêm na maneira pelo qual nos relacionamos com o tempo e o espaço transformando nosso modo de pensar, sentir e agir (KENSKI, 1998).

Dessa maneira, Raquel Recuero (2009) compreende as redes sociais na internet como um conjunto composto por dois elementos. O primeiro elemento são **os atores**, que representam pessoas (perfis de twitter e facebook) e grupos ou instituições (blogs e fotologs, concebidos como os “nós” da rede). E o segundo elemento são **suas conexões**, laços sociais estabelecidos entre os atores. Sendo assim, as redes sociais são expostas pela autora, como representações das conexões realizadas entre os atores dos diversos grupos sociais, no qual possibilitam que pessoas de países diferentes se comuniquem em tempo real, para construir amizades ou trabalhar, por exemplo.

O estudo tem como base a Rede de Experiências Inovadoras, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que visa fomentar as relações estabelecidas entre as escolas de Ensino Médio, adequadas ao Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI).

Temos como objetivo compreender como ocorre a utilização da Rede de Experiências Inovadoras pelos professores de Ensino Médio do Estado Rio Grande do Norte- RN, buscando perceber as dificuldades enfrentadas e as contribuições para a prática docente.

Para tanto, utilizamos como metodologia abordagem qualitativa que, de acordo com Godoy (1995), possibilita a melhor compreensão do fenômeno, contextualizando, analisando a situação de forma integrada, buscando as perspectivas das pessoas que fazem parte da realidade estudada.

Inicialmente, realizamos revisão bibliográfica, com respaldo nos estudos de Vani Kenski (1998) e Pierre Lévy (1999) que discutem o surgimento das tecnologias e as influências na sociedade atual. Edméa Santos (2003) e Jaciara Carvalho (2009) que trabalham os Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA como instrumentos possibilitadores do processo de ensino-aprendizagem.

Posteriormente, realizamos estudos de documentos pedagógicos da Rede de Experiências Inovadora, disponibilizados pela técnica da Subcoordenadoria do Ensino Médio (SUEM). Outro momento relevante foi à realização do cadastro como membro na Rede,

possibilitando-nos acompanhar a dinâmica da rede, utilização dos professores, ferramentas disponíveis e realizar a coleta dos dados disponíveis.

Outra metodologia adotada foi a entrevistas semiestruturadas com professores de Ensino Médio, vinculados a Rede de Experiências Inovadoras, buscando complemento à nossa compreensão. Dessa maneira, cruzamos os discursos dos depoimentos com informações coletadas durante a observação da Rede.

Entendemos a entrevista semiestruturada como “técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos” articulando perguntas fechadas, previamente formuladas, com perguntas abertas, quando os pesquisados têm a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (DUARTE *apud* QUEIROZ, 2002, p. 147).

Sociedade: Inter-Relações com Tecnologias

Ao longo da história acompanhamos a evolução da capacidade do homem raciocinar, permitindo construir instrumentos e técnicas no cotidiano. Na sociedade atual, com o surgimento de computadores, aparelhos multifuncionais, tablets e consequentemente, internet e redes sociais, vivemos, segundo Kenski (1998), na era da velocidade em que as informações se deslocam até as pessoas em tempo real através da “rede”. Sendo preciso que estas estejam em constante estado de aprendizagem e adaptação ao novo, para que ocorra um convívio pacífico com esta nova sociedade. Para compreender o termo “rede” ou “ciberespaço”, utilizamos a definição de Pierre Lévy quando considera que:

O novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, as-

sim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p.17).

Ou seja, cultivado pelas informações que são fornecidas pelos sujeitos, o ciberespaço se configura no meio digital em que as conexões constituídas entre os sujeitos são estabelecidas. Já Edméa Santos (2003) compreende o ciberespaço não apenas como um meio de comunicação ou como um depósito de informações a serem disseminadas entre seus usuários. Deste modo, o ciberespaço não pode ser visto apenas como mais um instrumento disseminador de informações produzidas por especialistas, nem tão pouco mais um meio de comunicação. Este deve ser compreendido como um ambiente propício à construção colaborativa de conhecimentos, através da utilização das interfaces presentes em seu meio (SANTOS, 2003).

Estudos realizados pelo autor Manuel Castells (2005), discutem o papel dos sujeitos que vivem na sociedade atual, classificada por ele de “sociedade em rede”. Esta sociedade, para o autor, se caracteriza como excludente, pois uma parte significativa da humanidade não tem acesso aos benefícios difundidos, estando a mercê de sua lógica do poder.

Pierre Lévy (1999) apresenta ideias relacionadas a cultura da sociedade vigente, denominando-a de “cibercultura”. A “cibercultura” se configura no modo de vida predominante na sociedade que se beneficia do “ciberespaço”, possibilitando encontro entre os sujeitos, estimulando à inserção na nova sociedade.

De acordo com Zigmunt Bauman (2008) os indivíduos que vivem na sociedade atual, denominada pelo autor como líquido-moderna, possuem a propensão de exporem suas vidas nas redes sociais, como diários virtuais. Essa prática é disseminada entre os jovens e está presente em todos os âmbitos da sociedade.

Vale enfatizar a potencialidade das redes sociais, servindo como meio propício para construção de saberes coletivamente. Pois, permitem aos indivíduos expressarem opiniões, desejos e dú-

vidas. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) são exemplos de redes sociais que, em essência, foram criadas com intuito de servir como ambiente possibilitador do processo de ensino-aprendizagem, permitindo interação entre os usuários, fomentando o intercâmbio de conhecimentos.

Os primeiros ambientes virtuais destinados à educação, segundo Sihler (2011, p.6) “foram construídos no início dos anos 90, quando, então, a web iniciou o processo de expansão da informação, sendo utilizado como recurso auxiliar nos cursos de graduação e pós-graduação”. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) começaram a surgir a fim de fomentar o processo de ensino-aprendizagem, sendo destinados ao “suporte de atividades mediadas pelas tecnologias digitais. Eles integram múltiplas mídias e variados recursos para facilitar a apresentação de informações e a interação entre pessoas e seus objetos de conhecimento” (VILARINHO, 2011, p.136).

Os (AVA) assumem várias nomenclaturas, como por exemplo, Espaço Colaborativo de Aprendizagens, empregado na Rede de Experiências Inovadoras. Durante a revisão bibliográfica percebemos que mesmo os teóricos utilizando nomenclaturas diferentes, ambos se referiam ao mesmo instrumento em seus discursos.

Argumentos de Carvalho (2009) afirmam que as Redes Virtuais de Aprendizagem, são agrupamentos de pessoas presentes no ciberespaço, com intencionalidade educativa, contribuindo no processo de aprendizagem do outro.

Deste modo, os sujeitos não possuem papéis fixos. Os professores navegam entre a figura do docente e discente. Para a autora AVA são caracterizados pela fluidez e dinâmica, diferentemente das relações de ensino-aprendizagem presentes nas escolas. Dependem do envolvimento e colaboração dos participantes no processo de construção do conhecimento. A Rede de Experiências Inovadoras se configura em um dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem presentes no ciberespaço, que tem como propósito o estabelecimento de grupos que primam pela interação e troca de experiências.

Rede de Experiências Inovadoras

A Rede de Experiências Inovadoras se configura em um ambiente pensado como subsídio para a interação e, consequentemente, intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as Escolas de Ensino Médio do Rio Grande do Norte que aderiram ao Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI). Instituído pela portaria nº 971 de 09 de outubro de 2009, o ProEMI visa auxiliar as secretarias de educação dos Estados e Distrito Federal na melhoria da qualidade da educação no Ensino Médio.

Segundo a técnica pedagógica da SUEM, surge a ideia de utilizar Ambientes Virtuais de Aprendizagem como instrumento possibilitador da concretização do intercâmbio de conhecimentos e de experiências, favorecendo a comunicação contínua e linear entre os agentes envolvidos e, consequentemente, a promoção da formação continuada de professores.

Dentro da Rede de Experiências Inovadoras (<http://rede-miexperienciasinovadoras.ning.com>) são disponibilizadas ferramentas que possibilitam efetivar os objetivos almejados em sua criação. Podemos destacar entre elas o fórum, o correio eletrônico, a sala virtual, o blog e a biblioteca. A interface fórum pode vir a ser organizado pelos próprios participantes da Rede, sendo denominado, neste caso, como debates temáticos. Já quando estes são organizados pela coordenação da Rede (técnicos pedagógicos da SUEM) são denominados fóruns especializados.

A Rede também permite que os usuários troquem mensagens assíncronas, por meio do correio eletrônico, bem como admite que estes se comuniquem em tempo real, através da sala virtual. A sala virtual, conhecida geralmente como chat ou bate-papo, possibilita, segundo Edméa Santos (2002, p.10) "(...) que as distâncias geográficas, simbólicas e existenciais possam ser ressignificadas, permitindo a troca de saberes, desejos, dúvidas a qualquer espaço/tempo".

Na Rede, também há espaços que permitem a socialização de atividades e resultados de práticas desenvolvidas nas escolas, enfatizando a criação do blog e admitindo o intercâmbio de experiências e conhecimentos entre os professores, bem como a construção coletiva de saberes. A biblioteca é outra ferramenta presente na Rede. Esta é constituída com o intuito da publicação de textos e documentos para fundamentação das atividades realizadas nas escolas. Dessa maneira, podem ser publicados projetos pedagógicos e textos. A biblioteca pode ser compreendida, também, como um instrumento possibilitador da difusão de conhecimentos construídos individual ou coletivamente nas escolas ou na própria Rede.

Rede de Experiências Inovadoras: Desafios e Possibilidades

Neste tópico, buscamos conhecer como está sendo usada a Rede de Experiências Inovadoras pelos membros, bem como, entender, por meio dos discursos dos professores entrevistados, quais as contribuições da ferramenta para a construção do conhecimento.

O professor 3, quando questionado sobre o uso da Rede e a contribuição para sua prática docente, afirma que não utiliza a ferramenta. O professor 1, por sua vez, expõe um discurso diferente dizendo “O mais importante (...) é essa interação, embora estejam todos longe geograficamente, mas essa possibilidade de unir essas escolas, (...) a incorporação de novas ideias na prática profissional e a proximidade com a Secretaria”.

A criação da Rede de Experiências Inovadoras teve como foco não só a interação entre membros, mas também a inserção dos professores em práticas tecnológicas. Percebemos nos discursos dos docentes entrevistados que o uso desses equipamentos na sala de aula acaba sendo discriminada devido à falta de afinidade. Cruz, Albino e Batista destacam que:

(...) o acesso às Redes Sociais, (são) reconhecidas apenas como veículo de lazer e entretenimento. O resultado é a ex-

clusão de uso para a prática pedagógica, a negação de acesso nas instituições e falta de propostas sustentáveis para uso das Redes Sociais” (201-, p.7).

De acordo com o Professor 1 “Aqui na escola apenas eu e ela (professor 2) entramos na Rede. Inclusive eu cadastrei outros, mas tem gente que não quer mexer com tecnologia de jeito nenhum”¹. Os professores elencam argumentos que dificultam a aceitação e a manutenção da Rede, dando ênfase a ausência de tempo disponível para usufruir da Rede. Outro elemento destacado foi a falta de habilidade em manipular aparatos tecnológicos. Muitos declaram não haver formação promovida pela Secretaria de Educação. Mas, no discurso do professor 1 pode-se observar: “acho que não é só isso, porque o NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional²) está aí, tem cursos direto, eu já fiz vários, aí dizem por aí: dão a ferramenta, mas não o treinamento! Não vou dizer que é cem por cento, porque ele fica a desejar”.

Podemos perceber neste discurso a necessidade de sensibilização e mobilização do professor na busca pela formação, melhorando a interação e usufruto de equipamentos tecnológicos na prática docente. Dados apontam para ações do Ministério da Educação – MEC disponibilizam cursos de formação continuada.

Ao ser questionado, sobre o uso da Rede, o professor 3 afirma que “fica complicado está acessando (a Rede) na escola, pois a conexão é muito ruim, demora muito tempo para postar alguma coisa e em outros horários fica às vezes inviável, devido à grande quantidade de tarefas que acabamos levando para casa”.

Os discursos, em alguns momentos, são contraditórios, pois informações disponibilizadas no texto “Redes sociais como ferra-

¹ Discurso de um professor coordenador da Rede pertencente a uma das escolas do ProEMI, no qual é responsável por cadastrar os demais professores da instituição e mediar a interação destes com a Rede, esclarecendo dúvidas e auxiliando em seu manuseio quando necessário.

² Para informações visite o site: http://portal.mec.gov.br/index.php?id=7590&option=com_content&task=view

menta pedagógica nas escolas públicas do Ensino Médio do Rio Grande do Norte – Brasil”, escrito por três técnicas pedagógicas da Secretaria de Estado, da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC)³, afirmam:

(...) as escolas envolvidas estão equipadas com recursos didáticos especiais, entre eles, laboratórios de informática com acesso à internet, uma alternativa para a melhoria e o avanço na qualidade da estrutura pedagógica de ensino e aprendizagem (CRUZ; ALBINO; BATISTA, 201-, p. 8).

Podemos perceber a disparidade existente entre os discursos de professores que vivenciam cotidianamente as aversões presentes no âmbito escolar e o discurso oficial de representantes governamentais de educação.

As escolas vinculadas ao Programa Ensino Médio Inovador deveriam, “por obrigação”, disporem de equipamentos tecnológicos de informação e comunicação. Pois, no documento orientador está previsto que parte dos recursos financeiros enviados às escolas, devem ser investidos no “fortalecimento e apoio às ações de gestão, atividades docentes e melhoria do ensino, como equipamentos e mobiliários para laboratórios de ciências, informática, (...) e outros relacionados à dinamização dos ambientes escolares” (BRASIL, 2011, p. 21).

Considerações Finais

Acreditamos que para suprir os déficits apresentados nas falas dos professores durante as entrevistas - formação continuada, equipamentos, serviços de qualidade, disponibilidade de tempo (remunerado), sendo necessário investimentos dos órgãos governamentais, bem como também das escolas e professores.

³ Regina Lucia Alves C. Cruz; Maria da Glória Fernandes do Nascimento Albino; Ana Cristina Batista.

Fica como atribuição dos órgãos governamentais, dispor equipamentos atualizados e serviços tecnológicos de qualidade, ampliando a conexão com internet. Pois, como foi visto nos discursos dos professores, deixa a desejar. É necessário, também, que sejam disponibilizados cursos de formação continuada de qualidade, para que os professores venham está utilizando essas tecnologias para fomentar suas práticas docentes.

Como responsabilidade das escolas, é indispensável um trabalho junto a esses professores, de modo a fomentar a percepção da contribuição da Rede de Experiências Inovadoras - que a partir das discussões estabelecidas e da socialização de experiências, podem vir a contribuir nas suas práticas pedagógicas cotidianas. No entanto, é importante que os professores também estejam abertos ao diálogo e a novas possibilidades, caso contrário, será apenas trabalho perdido. Pois, é muito comum ouvir professores criticarem o governo, que não investe e nem apoia a educação e criticarem também a escola, por falta de condições físicas e materiais, mas esquecem, que mesmo em um ambiente repleto de artifícios que fomentem um trabalho de qualidade, se eles não apresentarem interesse em melhorar suas práticas, de nada valerá tanto investimento.

Sendo assim, para que a Rede de Experiências Inovadoras venha a ser utilizada de acordo com o que foi idealizado durante sua criação e para que haja realmente uma contribuição significativa tanto na formação com na prática docente, é necessário um trabalho colaborativo entre o Governo, a escola e os professores, de modo a possibilitar uma comunhão de interesses que culminarão em uma educação qualidade.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. 1925-*Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*/ Zigmunt Bauman; tradução de Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. *Diário Oficial da União. Portaria nº 971*. Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica. *Documento Orientador do Programa Ensino Médio Inovador*. Brasília, MEC, 2009.

CARVALHO, Jaciara de Sá. *Redes e comunidades virtuais de aprendizagem: elementos para uma distinção*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12072009-185318/>>. Acesso em: 22.03.2013

CASTELLS, Manuel (org.); CARDOSO, Gustavo (org.). *A sociedade em Rede: do conhecimento à ação política*. Conferência promovida pelo Presidente da República. 4 a 5 de março de 2005. Centro Cultural de Belém. Imprensa Nacional - Cada da Moeda.

CRUZ, Regina L. A. C. *Proposta conhecendo o ambiente social da Rede de Experiências Inovadoras*. Natal [200-].

CRUZ, Regina L. A. C.; ALBINO, Maria da G. F. N.; BATISTA, Ana C. *AS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO MÉDIO DO RIO GRANDE DO NORTE – BRASIL*. Disponível em: <<http://mediateca.rimed.cu/media/document/5912.pdf>>. Acesso em: 26/05/2013.

DUARTE, Rosália. *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Caderno de Pesquisa, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139 – 154, março/2002.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Revista de Administração de empresas, São Paulo, Volume 35, Fascículo n. 3, p. 20 – 29, mai./ jun. 1995.

KENSKI, V. M. *Novas tecnologias, o redirecionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*. Revista Brasileira de Educação, Mai-Ago. n. 8, p. 58-

71, 1998. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_07_ Acesso em: 22/03/2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura* / Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. - São Paulo: Ed. 34, 1999, p.264.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e Mediação Pedagógica*/ José Manuel Moran, Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens. - Campinas, SP: Papyrus, 2000. - (Coleção Papyrus Educação).

_____. *Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo*. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n. 126, p. 24-26, setembro/outubro, 1995.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Edméa Oliveira. *Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livre, plurais e gratuitas*. Revista FAEBA, v.12, no. 18, 2003. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf>. Acessado em: 11/07/2013.

SIHLER, Anelise Pereira. *Comunidades Virtuais: aprendizagem colaborativa*. http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A2E7311D1012FBCBD791155E0/2011_comunidades_virtuais.pdf. Acesso em: 20/05/2013.

VILARINHO, Lúcia Regina G. *Práticas pedagógicas em ambientes virtuais de aprendizagem: um desafio da educação na cibercultura*. In *Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões* / Helena Amaral da Fontoura e Marco Silva (orgs.). Rio de Janeiro: ANPed Nacional, 2011.